

28. OS MISTÉRIOS DA INFÂNCIA E DA VIDA PÚBLICA. OS MISTÉRIOS DA VIDA PÚBLICA

527-542

INTRODUÇÃO

Você já notou que para os cristãos os “mistérios” são algo a ser contemplado, meditado, celebrado e vivido? Isso porque os mistérios em questão são os mistérios de Jesus, ou seja, os eventos da sua vida terrena.

Toda a vida de Jesus é :

- mistério de revelação do Pai (cf. 516);
- mistério de nossa redenção (cf. 517);
- mistério de recapitulação (cf. 518).

Os parágrafos que vamos estudar se referem aos

- **mistérios da infância de Jesus** (a sua circuncisão, a epifania, a apresentação no templo, a fuga para o Egito e o massacre dos inocentes, cf. 527-530);
- **mistérios da vida oculta de Jesus** (a vida oculta de Nazaré e o reencontro do menino no templo, cf. 531-534);
- **os mistérios da vida pública** (o batismo no Jordão e a tentação, cf. 535-540).

Texto 527-542

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO

CAPÍTULO II: CREIO EM JESUS CRISTO, FILHO ÚNICO DE DEUS

PARÁGRAFO 3: OS MISTÉRIOS DA VIDA DE CRISTO



OS MISTÉRIOS DA INFÂNCIA DE JESUS

527. A circuncisão de Jesus, no oitavo dia depois de seu nascimento, é sinal de sua inserção na descendência de Abraão, no povo da Aliança, de sua submissão à Lei e de capacitação para o culto de Israel, do qual participará durante sua toda a vida. Este sinal prefigura “a circuncisão de Cristo”, que é o Batismo.

Parágrafos relacionados: 580, 1214



528. A epifania é a manifestação de Jesus como Messias Israel, Filho de Deus e Salvador do mundo. Com o Batismo de Jesus no Jordão e com as bodas de Caná, ela celebra a adoração de Jesus pelos “magos” vindos do Oriente. Nesses “magos”, representantes das religiões pagãs circunvizinhas, o Evangelho vê as primícias das nações que acolhem a Boa Nova da salvação pela Encarnação. A vinda dos magos a Jerusalém para “adorar ao Rei dos Judeus” mostra que eles procuram em Israel, à luz messiânica da estrela de Davi, aquele que será o Rei das nações. Sua vinda significa que os pagãos só podem descobrir Jesus e adorá-lo como Filho de Deus e Salvador do mundo voltando-se para os judeus e recebendo deles sua promessa messiânica, tal como está contida no Antigo Testamento. A Epifania manifesta que “a plenitude dos pagãos entra na família dos patriarcas” e adquire a “dignidade israelítica”.

Parágrafos relacionados: 439, 711-716, 122





529. A apresentação de Jesus no Templo mostra-o como o Primogênito pertencente ao Senhor. Com Simeão e Ana, é toda a espera de Israel que vem ao encontro de seu Salvador (a tradição bizantina designa com este termo tal acontecimento). Jesus é reconhecido como o Messias tão esperado, “luz das nações” e “Glória de Israel”, mas também “sinal de contradição”. A espada de dor predita a Maria anuncia esta outra oblação, perfeita e única, da Cruz, que dará a salvação que Deus “preparou diante de todos os povos”.

Parágrafos relacionados: 583, 439, 614



530. A fuga para o Egito e o massacre dos inocentes manifestam a oposição das trevas à luz: “Ele veio para o que era seu e os seus não o receberam” (Jo 1,11). Toda a vida de Cristo estará sob o signo da perseguição. Os seus compartilham com Ele esta perseguição. Sua volta do Egito lembra o Êxodo e apresenta Jesus como o libertador definitivo.

Parágrafo relacionado: 574

OS MISTÉRIOS DA VIDA OCULTA DE JESUS



531. Durante a maior parte de sua vida, Jesus compartilhou a condição da imensa maioria dos homens: uma vida cotidiana. Sem grandeza aparente, vida de trabalho manual, vida religiosa judaica submetida à Lei de Deus, vida na comunidade. De todo este período é-nos revelado que Jesus era “submisso” a seus pais e que “crescia em sabedoria, em estatura em graça diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2,52).

Parágrafo relacionado: 2427

532. A submissão de Jesus a sua Mãe e a seu pai legal cumpre com perfeição o quarto mandamento. Ela é a imagem temporal de sua obediência filial a seu Pai celeste. A submissão diária de Jesus a José e a Maria anunciava e antecipava a submissão da Quinta-feira Santa: “Não a minha vontade...” (Lc 22,42). A obediência de Cristo no cotidiano da vida escondida inaugurava já a obra de restabelecimento daquilo a desobediência de Adão havia destruído.

Parágrafos relacionados: 2214, 2220, 612

533. A vida oculta de Nazaré permite a todo homem estar unido a Jesus nos caminhos mais cotidianos da vida:

Nazaré é a escola na qual se começa a compreender a vida de Jesus: a escola do Evangelho... Primeiramente, uma lição de silêncio. Que nasça em nós a estima do silêncio, esta admirável e indispensável condição do espírito... Uma lição de vida familiar. Que Nazaré nos ensine o que é a família, sua comunhão de amor, sua beleza austera e simples, seu caráter sagrado e inviolável... Uma lição de trabalho. Nazaré, ó casa do “Filho do Carpinteiro”, é aqui que gostaríamos de compreender e celebrar a lei severa e redentora do trabalho humano...; assim como gostaríamos finalmente de saudar aqui todos os trabalhadores do mundo inteiro e mostrar-lhes seu grande modelo, seu Irmão divino.

Parágrafos relacionados: 2717, 2427

534. O reencontro de Jesus no Templo é o único acontecimento que rompe o silêncio dos Evangelhos sobre os anos ocultos de Jesus. Nele Jesus deixa entrever o mistério de sua consagração total a uma missão decorrente de sua filiação divina: “Não sabíeis que devo ocupar-me com as coisas de meu Pai?” (Lc 2,49). Maria e José “não compreenderam” esta palavra, mas a acolheram na fé, e Maria “guardava a lembrança de todos esses fatos em seu coração” (Lc 2,51), ao longo dos anos em que Jesus permanecia mergulhado no silêncio de uma vida ordinária.

Parágrafos relacionados: 583, 2599, 964

III. OS MISTÉRIOS DA VIDA PÚBLICA DE JESUS

O BATISMO DE JESUS



535. A vida pública de Jesus tem início com seu Batismo por João no rio Jordão. João Batista proclamava “um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados” (Lc 3,3). Uma multidão de pecadores, de publicanos e soldados, fariseus e saduceus e prostitutas vem fazer-se batizar por ele. Jesus aparece, o Batista hesita, mas Jesus insiste. E Ele recebe o Batismo. Então o Espírito Santo, sob forma de pomba, vem sobre Jesus, e a voz do céu proclama: “Este é o meu Filho bem-amado” (Mt 3,13-17). É a manifestação (“Epifania”) de Jesus como Messias de Israel e Filho de Deus.

Parágrafos relacionados: 719-720, 701, 438

536. O Batismo de Jesus é, da parte dele, a aceitação e a inauguração de sua missão de Servo sofredor. Deixa-se contar entre os pecadores; é, já, “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29), antecipa já o “Batismo” de sua morte sangrenta. Vem, já, “cumprir toda a justiça” (Mt 3,15), ou seja, submete-se por inteiro à vontade de seu Pai: aceita por amor este batismo de morte para a remissão de nossos pecados. A esta aceitação responde a voz do Pai, que coloca toda a sua complacência em seu Filho. O Espírito que Jesus possui em plenitude desde a sua concepção vem “repousar” sobre Ele. Jesus ser a fonte do Espírito para toda a humanidade. No Batismo de Jesus, “abriram-se os Céus” (Mt 3,16) que o pecado de Adão havia fechado; e as águas são santificadas pela descida de Jesus e do Espírito, prelúdio da nova criação.

Parágrafos relacionados: 606, 1224, 444, 727, 739

537. Pelo Batismo, o cristão é sacramentalmente assimilado a Jesus, que antecipa em seu Batismo a sua Morte e a sua Ressurreição; deve entrar neste mistério de

rebaixamento humilde e de arrependimento, descer à água com Jesus para subir novamente com ele, renascer da água e do Espírito para tornar-se, no Filho, filho bem-amado do Pai e “viver em uma vida nova” (Rm 6,4):

Parágrafo relacionado: 1262

Sepultemo-nos com Cristo pelo Batismo, para ressuscitar com Ele; desçamos com Ele, para ser elevados com Ele; subamos novamente com Ele, para ser glorificados nele.

Parágrafo relacionado: 628

Tudo o que aconteceu com Cristo dá-nos a conhecer que, depois da imersão na água, o Espírito Santo voa sobre nós do alto do Céu e que, adotados pela Voz do Pai, nos tornamos filhos de Deus.

A TENTAÇÃO DE JESUS



538. Os Evangelhos falam de um tempo de solidão de Jesus no deserto, imediatamente após seu Batismo por João: “Levado pelo Espírito” ao deserto, Jesus ali fica quarenta dias sem comer, vive com os animais selvagens e os anjos o servem. No final dessa permanência, Satanás o tenta por três vezes procurando questionar sua atitude filial para com Deus. Jesus rechaça esses ataques que recapitulam as tentações de Adão no Paraíso e de Israel no deserto, e o Diabo afasta-se dele “até o tempo oportuno” (Lc 4,13).

Parágrafos relacionados: 394, 518

539. Os evangelistas assinalam o sentido salvífico desse acontecimento misterioso. Jesus é o novo Adão, que ficou fiel onde o primeiro sucumbiu à tentação. Jesus cumpre à perfeição a vocação de Israel: contrariamente aos que provocai outrora a Deus durante quarenta anos no deserto, Cristo se revela como o Servo de Deus totalmente obediente à vontade divina. Nisso Jesus é vencedor do Diabo: ele “amarrou o homem forte” para retomar-lhe a presa. A vitória de Jesus sobre o tentador no deserto antecipa a vitória da Paixão, obediência suprema de seu amor filial ao Pai.

Parágrafos relacionados: 397, 385

540. A tentação de Jesus manifesta a maneira que o Filho de Deus tem de ser Messias o oposto da que lhe propõe Satanás e que os homens desejam atribuir-lhe. E por isso que Cristão venceu o Tentador por nós: “Pois não temos um sumo sacerdote incapaz de compadecer-se de nossas fraquezas, pois Ele mesmo foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hb 4,15). A Igreja se une a cada ano, mediante os quarenta dias da Grande Quaresma, ao mistério de Jesus no deserto.

Parágrafos relacionados: 2119, 519, 2849, 1438

O REINO DE DEUS ESTÁ BEM PRÓXIMO



541. “Depois que João foi preso, Jesus veio para a Galiléia proclamando, nestes termos, o Evangelho de Deus: Cumpriu-se O tempo e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,14-15). “Para cumprir a vontade do Pai, Cristo inaugurou o Reino dos céus na terra.” Ora, a vontade do Pai é “elevar os homens à participação da Vida Divina”. Realiza tal intento reunindo os homens em torno de seu Filho, Jesus Cristo. Esta reunião é a Igreja, que é na terra “o germe e o começo do Reino de Deus”.

Parágrafos relacionados: 2816, 763, 669, 768, 865

542. Cristo está no centro do conagraçamento dos homens na “família de Deus”. Convoca-os junto a si por sua palavra, por seus sinais que manifestam o reino de Deus, pelo envio de seus discípulos. Realizar a vinda de seu Reino sobretudo pelo grande mistério de sua Páscoa: sua morte na Cruz e sua Ressurreição. “E eu, quando for elevado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32). A esta união com Cristo são chamados todos os homens.

Parágrafos relacionados: 2233, 789



Revisando temas

1. Para um judeu a **circuncisão** era o rito mediante o qual uma pessoa era incorporada ao povo de Deus (cf. Gn 17; At 7,8). O sinal da circuncisão significava que as promessas feitas por Deus a Abraão e à sua descendência valiam também para quem era circuncidado. Por sua vez, receber a circuncisão equivalia à aceitação por parte do homem da vontade de Deus e das exigências da Aliança. Com a circuncisão no oitavo dia após do nascimento, Jesus entra definitivamente a fazer parte do povo eleito, cumprindo a Lei.

Enquanto cumprimento da Lei, a circuncisão do Menino Jesus revela que toda a Sua vida será uma confirmação contínua da Sua submissão ao Pai. Como já no AT, a circuncisão não tinha valor somente como um gesto externo, uma vez que o que conta e circuncisão do coração (cf. Jr 9,24-25), assim, para Jesus, será através da sua obediência que Ele salvará o mundo (cf. Hb 3,1ss).

Jesus cumpre a Lei não porque a completa, acrescentando novas prescrições, mas porque vive as suas exigências até as últimas conseqüências. Da mesma maneira que a circuncisão é uma marca indelével na carne, assim também é sinal da aliança de Deus inscrita radicalmente na vida de Jesus.

2. “A **epifania** é manifestação de Jesus como Messias de Israel, Filho de Deus e Salvador do mundo” (528).

Os magos vêm do Oriente. Empreendem uma longa viagem, guiados por uma estrela. Enfrentam os perigos da longa estrada e se colocam a caminho porque são homens tomados pela inquietação interior de encontrar o Salvador. Eles são sábios e perscrutam o céu porque buscam na linguagem da natureza criada a intuição do Criador. Alimentam a esperança de que Deus um dia se manifestará e, por isso, podem ir ao seu encontro.

Ao se prostrar em adoração diante de Jesus reconhecem ser Ele o astro ao redor do qual, de agora em diante, girará a vida deles e a da humanidade. No momento em que os sábios do Oriente se prostram diante do Menino Jesus, chega ao fim a astrologia: não são os astros que determinam o destino do Menino nem o da humanidade. Pelo contrário, é o Menino que guia a estrela. É Ele – o homem assumido por Deus – que é maior do que todos os poderes do mundo material.

A Igreja contempla e celebra o mistério da epifania como a feliz conclusão da busca do homem: Deus pode ser buscado, porque Ele quer ser encontrado e Se revela tanto na criação quanto na ciência. A viagem dos sábios representa a busca do homem que vai

além de si mesmo em direção do Deus que quer ser encontrado. Eles representam a autossuperação que está presente nas religiões da humanidade. Representam também todos os “amigos da sabedoria” que buscam a verdade e o Deus vivo e verdadeiro.

Os sábios do Oriente constituem um início, representam o encaminhamento da humanidade para Cristo, inauguram uma procissão que percorre a história inteira. Não representam apenas as pessoas que encontraram o caminho até Cristo, mas também a expectativa interior do espírito humano, o movimento das religiões e da razão humana ao encontro de Cristo (RATZINGER, Jesus de Nazaré. A Infância de Jesus, p. 83).

3. A apresentação de Jesus no templo está ligada à purificação de Maria e ao resgate do filho primogênito. Segundo a Escritura, uma mulher, depois do parto de um filho homem fica impura (ou seja, permanece excluída dos ritos litúrgicos) durante sete dias. No oitavo dia vem a circuncisão do menino, e a mãe permanece em casa para se purificar do seu sangue ainda por mais trinta e três dias (cf. Lv 12,1-4). Ao fim desse período deve oferecer um sacrifício purificador: um cordeiro e um pombinho pelo pecado. Os pobres podiam oferecer um par de rolas ou pombas.

Maria ofereceu o sacrifício dos pobres (cf. 2,24), mas não necessitava ser purificada depois do parto de Jesus. O Seu nascimento traz a purificação do mundo. Maria, porém, obedece à Lei e é precisamente assim que ela se coloca a serviço do cumprimento das promessas. Como Jesus, Maria se submete a um rito de purificação não por causa de impureza, mas para cumprir toda a justiça (cf. Mt 3,15).

O resgate do primogênito é um rito que faz memória da saída do Egito: Deus poupou os primogênitos de Israel e por isso eles pertencem ao Senhor (Lc 2,23; Ex 13,2.12-13.15). Eles são resgatados mediante uma oferta em dinheiro que podia ser paga a qualquer sacerdote. Mas o texto de Lucas não menciona que Jesus tenha sido resgatado. Ele foi apresentado, mas não voltou ao poder dos pais. Com efeito, Jesus foi entregue pessoalmente e totalmente dado a Deus.

Muito significativo é o encontro com Simeão e Ana. Jesus é a tão esperada “Luz das nações” e a “glória de Israel. Nesses dois personagens, se concentra toda a expectativa de Israel. Jesus é reconhecido como Messias, mas seu messianismo é o do “sinal de contradição”. Tomando o Menino nos braços, Simeão se dirige a Maria a quem faz a profecia da Cruz (Lc 2,34-35). Anuncia a ela que “uma espada de dor traspassará a alma”. O Menino que pertence totalmente a Deus, está por isso vinculado à Sua vontade salvífica: Ele é a salvação e a luz para todos os povos, mas revelará também o que está no coração das pessoas.

Jesus é sinal de uma contradição entre Deus e o homem.

Sempre de novo, o próprio Deus é visto como a limitação da nossa liberdade, uma limitação que tem de ser eliminada para que o homem possa ser completamente ele mesmo. Deus, com a sua verdade, opõe-Se à múltipla mentira do homem, ao seu egoísmo e à sua soberba. Deus é amor. Mas o amor também pode ser odiado, quando exige do homem que saia de si próprio para ir além de si mesmo. O amor não é um sentimento romântico de bem-estar. Redenção não é um bem-estar, um mergulho na autocomplacência, mas libertação do autofechamento no próprio eu. Essa libertação tem como preço o sofrimento da Cruz. A profecia sobre a luz e a afirmação acerca da Cruz caminham juntas.

A oposição ao Filho atinge também a Mãe e penetra no seu coração. A Cruz da contradição radical torna-se para ela espada que lhe traspassa a alma. De Maria,

podemos aprender a verdadeira com-paixão, livre de qualquer sentimentalismo, acolhendo como próprio o sofrimento alheio.

Entre os Padres da Igreja, considerava-se a insensibilidade, a indiferença face ao sofrimento alheio como típica do paganismo. A isto, a fé cristã contrapõe o Deus que sofre com os homens e, deste modo, nos atrai na com-paixão. A Mater Dolorosa, a Mãe com a espada no coração, é o protótipo deste sentimento fundamental da fé cristã (RATZINGER, Jesus de Nazaré. A Infância de Jesus, p. 74-75).

4. O mistério da **fuga para o Egito** e o **massacre dos inocentes** revelam e condensam já no início da vida de Jesus o que vai acontecer durante toda a sua vida. Ele é aquele que veio para os seus, mas estes não o quiseram receber (cf. Jo 1,11). Desde o início a vida de Jesus está sob o sinal da perseguição.

O massacre dos inocentes tem como palavra conclusiva a profecia de Jeremias: “Ouviu-se em Rama uma voz, uma lamentação e um grande pranto. É Raquel que chora os seus filhos e não quer ser consolada, porque já não existem mais” (Mt 2,18). A mãe permanece desolada e não quer ser consolada. É uma lamentação que fica sem resposta de consolação. O clamor é dirigido a Deus, mas o grito permanece ainda sem uma resposta, pois a única consolação realmente verdadeira seria receber os filhos vivos novamente. Nenhuma explicação, justificativa ou palavra pode trazer consolo. Somente a vida dos filhos. Em suma: somente com a ressurreição deles, seria revocada a injustiça e superado o crime. O massacre dos inocentes e o pranto de Raquel revelam que o choro inconsolável das mãe permanece muito atual; por outro lado, reforçam e tornam ainda mais luminosa a esperança da ressurreição, verdadeira e única consolação (cf. RATZINGER, Jesus de Nazaré. A Infância de Jesus, p. 95-96).

5. Os mistérios da **vida oculta** revelam que nada da vida humana é estranho ao Cristo. Por trinta anos, Jesus viveu o cotidiano de grande parte da humanidade: uma vida anônima, laboriosa, feita de cotidiano, de relações familiares, de obediência aos pais, de vida religiosa, de aprendizado lento e progressivo. Em sua vida oculta tão parecida com a da maioria das pessoas, Jesus consagra o cotidiano como modo de realizar a salvação da humanidade. Assim, a vida oculta de Cristo está presente e atuante no dia-a-dia do cristão.

6. A **perda e o reencontro do Menino Jesus** no templo revela a tensão que irá caracterizar toda a Sua vida. Ele é verdadeiramente um de nós, nascido em um povo concreto, educado segundo suas tradições e costumes e exatamente por isso Ele se revela Deus, o cumprimento das antigas promessas, o início do novo povo de Deus e da nova humanidade. Ele está submetido à Lei como qualquer jovem israelita, mas ao mesmo tempo tem com Aquele que habita no templo uma relação originalíssima.

Ao mesmo tempo em que Jesus é submisso aos seu pais, revela uma liberdade que o faz permanecer na “casa de seu Pai”. Não é a liberdade do rebelde, mas a liberdade do Filho. Como Filho, Jesus revela e traz ao mundo uma nova liberdade. Não é liberdade sem vínculo e sem relação pessoal. É a liberdade do Filho que adere à vontade do Pai.

Para a sensibilidade atual, na qual as crianças são vigiadas quase neuroticamente, esse fato da perda do menino pode chocar. Mas na Sagrada Família a obediência e a liberdade convivem juntas sem se contradizer, tanto que os pais só deram pela falta dEle depois do final do primeiro dia da viagem de regresso. O Menino tinha a liberdade de passar o dia com os seus coetâneos e de ser cuidado pelos outros parentes. Só precisava se apresentar aos pais no fim do dia.

Os três dias de procura do menino são dias de sofrimento. Antecipam o sofrimento causado pela ausência de Jesus em sua morte. A resposta do Menino à pergunta: “por que fizestes isto?” é impressionante. “Não sabeis que devo estar onde é meu lugar: com o Pai, na Sua casa?”

Jesus deve estar com o Pai, e assim torna-se claro que aquilo que aparecia como desobediência ou liberdade inconveniente, na realidade é precisamente expressão de sua obediência filial. Ele está no templo, não como rebelde contra os pais, mas precisamente como Aquele que obedece, com a mesma obediência que O conduzirá à Cruz e à Ressurreição (RATZINGER, Jesus de Nazaré. A Infância de Jesus, p. 104).

7. O batismo de Jesus no Jordão levanta espontaneamente uma pergunta: pode o Filho de Deus se submeter a um rito de purificação? Como é possível que Aquele que veio salvar o povo do pecado possa descer às águas junto com a multidão dos pecadores? Pode ele também confessar os pecados?

Essas questões não são meramente teóricas: refletem de algum modo o que o próprio João Batista pessoalmente exprime a Jesus: “sou eu que devo ser batizado por ti e és tu que vens até mim”. A resposta de Jesus dá a chave do Seu gesto e do significado do acontecimento: “Deixa estar por enquanto, pois assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3,15). Jesus se faz batizar em solidariedade aos pecadores. Ele se apresenta humilde, como servo que se confunde com a massa dos pecadores, mas que tem com o Pai uma relação particularíssima. No batismo Jesus carrega sobre si o peso da culpa de toda humanidade para mergulhá-la nas águas do Jordão. Ele começa a sua vida pública tomando o lugar dos pecadores. Ao fazer assim antecipa a sua Cruz na qual se cumprirá toda a justiça. A “justiça cumprida” será assim revelada não mais como aplicação fria da lei e imposição de penas, mas como a vitória definitiva sobre o mal. A voz do céu “este é o meu Filho amado” é já um anúncio da ressurreição.

No batismo, Jesus revela que é o servo que assume sobre si os pecados do povo. Ele é o Filho que vive o seu ser filial ao dar a vida. A justiça que Ele comunica é a libertação definitiva do poder do maligno; o Seu batismo é o início dessa libertação, e a Páscoa será o seu cumprimento.

8. As tentações de Jesus também levantam dificuldades, pois para muitos elas parecem ser inconciliáveis com a dignidade de Filho de Deus. No passado, a solução mais radical foi a de negar que Cristo tivesse sido realmente tentado: tratava-se somente de uma narrativa exemplar para indicar como nós devemos nos comportar ante as tentações.

Mas isso significa ignorar aquilo que os evangelhos sinóticos afirmam com clareza: as tentações de Jesus são significativas para nós exatamente porque dizem respeito a Jesus.

Jesus vai ao deserto como o novo Israel. Os quarenta dias que Jesus aí passa têm estreita relação com os quarenta anos em que Israel viveu no deserto. Ao contrário de Israel, Jesus luta e vence o demônio, e com a sua obediência inaugura um novo tempo. Satanás não consegue arrancar Jesus da proximidade de Deus e assim se abre ao homem a possibilidade de uma renovada amizade com Deus e com a feras selvagens.

Jesus vai ao deserto também como o novo Adão. Ele é o início de uma nova humanidade. No jardim, Adão tinha desobedecido. O novo Adão vence o Tentador e por isso dá origem a uma nova humanidade que nasce da vitória sobre Satanás e sobre o pecado.

As tentações mostram mais uma vez a solidariedade de Jesus Cristo com a humanidade: Ele verdadeiramente se insere e toma parte na nossa história com todas as suas ilusões,

dificuldades e pecado. NEle não se encontra cumplicidade alguma no pecado, mas é exatamente a sua inocência e a sua plena disponibilidade à vontade do Pai que o leva à Cruz e ao máximo distanciamento de Deus. O caminho do Filho é o caminho do Servo, do sofrimento e da morte. Exatamente em seu ser Filho e em sua obediência total ao Pai é que Ele será conduzido ao encontro e à luta contra Satanás.